

## O ASNO DE OURO: UMA METÁFORA DA ESCRAVIDÃO

Sônia Regina Rebel de Araújo\*

### Abstract

*This paper discusses the ideology of slavery in **The Golden Ass**, an **Apuleius'** novel, pointing out that this question constitutes its central theme. Some pitiless descriptions of the conditions of the slaves toiling here, comparing the humans and animals, show his keen observations of slavery condition in the Empire. In other words, the ludicrous adventures of **Lucius**, a Roman citizen accidentally turned into an ass, summarize the world and life of slaves in the roman world. In this bawdy picaresque Latin novel, are found multiple digressions and tales in which animals and slaves shares in a common destiny.*

**Keywords:** The Golden Ass; Metamorphoses, Slaves and animals; Metaphor, Latin novel; Classics.

### Resumo

*Este trabalho discute a ideologia da escravidão em **O Asno de Ouro**, um romance de **Apuleio**, mostrando que esta questão constitui um tema central. Algumas descrições da vida dos escravos, comparando-os com os animais, mostram suas observações incisivas sobre a condição da escravidão no Império. Em outras palavras, as aventuras ridículas de **Lúcio**, um cidadão romano acidentalmente transformado em um asno, resumem o mundo e a vida dos escravos no mundo romano. Nesse romance latino indecente e picaresco, são encontradas múltiplas divagações e histórias, nas quais animais e escravos dividem um destino comum.*

**Palavras-chave:** O Asno de Ouro; Metamorfoses; Escravos e animais; Metáfora; Romance latino; Clássicos.

---

\*Professora adjunta de História Antiga do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da UFF. Membro do Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade (CEIA)/UFF.

## Introdução

Neste artigo, pretendo analisar a ideologia escravista presente no romance de Apuleio, **O Asno de Ouro**, observando, no desenvolvimento da trama, o comportamento de amos e escravos, assim como a relevância das metáforas de escravos como animais e de animais como escravos “cortando” todo o romance, do primeiro ao último livro. Em outras palavras, a transformação de Lúcio em asno e todas as peripécias por que passou depois de sua metamorfose constituem uma metáfora da escravidão, o verdadeiro tema desse livro. A linguagem empregada e o uso corrente de metáforas estruturando a narrativa unificam escravos e animais nas mesmas situações de vida: trabalho estafante, a tortura, a venda em leilão, as mudanças de dono, a condenação a castigos cruéis e até à morte.

A noção de *metáfora* inclui dois aspectos: a idéia de *comparação* e a de *substituição* ou *transferência*, pela existência de algum grau de *similaridade* dos objetos comparados (FERREIRA, 1972; CUNHA, 1982; KOOGA/HOUAISS, 1997; ROCHA LIMA, 1976; HARVEY, 1989).

*METÁFORA: do grego **metaphorá**, pelo latim **metaphora** (s. f.). Tropo em que a significação natural de uma palavra é substituída por outra, em virtude de relação de semelhança subentendida; (...)* (FERREIRA, 1972)

*METÁFORA: (s. f.) Consiste na transferência de um termo para uma esfera de significação que não é a sua, em virtude de uma comparação implícita. (...) Assenta a metáfora numa relação de similaridade, encontrando seu fundamento na mais natural das leis psicológicas: associação de idéias. Assim, ela transporta o nome de um objeto a outro graças a um caráter qualquer comum a ambos* (ROCHA LIMA, 1976; grifo no original).

Definida metáfora, afirmo que há, no pensamento clássico, uma similaridade entre as bestas de carga e os escravos, o que induz à associação de idéias, à comparação. Daí transferir-se o significado próprio aos animais para os seres humanos escravizados. Tais ocorrências eram comuns no mundo antigo: em grego, por exemplo, *tetrapoda*, palavra que designava animais, contrapunha-se a *andrapoda*, uma das maneiras de designar escravo, um troca-

dilho que mostra a visão pejorativa, depreciativa, em relação a escravos (CARDOSO, 1984; FINLEY, 1991). Em autores como Catão, o Antigo (*De Agricultura*,) e Varrão (*RR*, 1.17), citações unindo escravos e animais em várias situações – trabalho, alimentação, vigilância – também são corriqueiras (BRADLEY, 1996, p. 57-80). A ambigüidade permeava a visão dos letrados sobre os escravos, no mundo greco-romano, e estes eram vistos ao mesmo tempo como seres humanos e como coisas e animais. A este respeito, assumo a afirmativa de Finley de que é “o tema da escravidão que sugere a abordagem [literária]” (FINLEY, 1991, p. 65-127). Ou seja, o emprego da metáfora nesta obra é muito mais do que um recurso estilístico; é uma maneira de estruturar o pensamento dos antigos quando o tema é a escravidão.

Alguns autores escreveram belos textos sobre escravidão e metáfora escravista. P. Garnsey, na Introdução de seu livro, fala de “Escravidão como metáfora”, mas o faz em relação ao pensamento dos estóicos, dos cristãos, enfatizando sobretudo estes últimos (GARNSEY, 1996, p. 16-19 e 116-25) e mostrando como no pensamento aristotélico a inferioridade do escravo como ser sub ou infra-humano ficava estabelecida. Neste caso, a metáfora dirige-se no sentido de aproximar o senhor da alma que comanda o corpo, este comparado ao escravo. Outro ponto de vista sobre a inferioridade do escravo e sua aproximação com animais constantes na obra de Aristóteles é apontado por Fitzgerald (FITZGERALD, 2000, p. 99-100):

*O racional nesse simbolismo é que o animal doméstico e o escravo ambos pertencem a um lugar ambíguo no sistema antigo de categorias. Ver, a este respeito, Aristóteles, para quem animais domésticos ocupavam o mais alto nível do infra-humano, próximos aos escravos e bárbaros que ocupavam o mais baixo nível do humano.*

Um texto que se apóia na ambigüidade ontológica do escravo é o de Annequin, **Lucius-asinus, Psiché-ancilla** (ANNEQUIN, 1998, p. 69-88). O autor destaca o papel estruturante da escravidão neste relato, bem como analisa exaustivamente o vocabulário, todo ele uma metáfora da escravidão. No entanto, o autor aponta questões que, embora relevantes, como a busca de espiritualidade no mundo romano, não são centrais em minha pesquisa, esta baseada na comparação e até simbiose entre escravos e animais. Outro livro importante para minhas considerações é o de Joly,

pois também aborda escravidão como metáfora, desta vez nos **Anais** de Tácito (JOLY, 2004, p. 59-64 e 139-143).

Finalmente, a obra mais pertinente para meus propósitos é a de W. Fitzgerald, **Slavery and the Literary Imagination**, cujo tema é a presença da escravidão na literatura romana, especialmente os escravos domésticos; para dar conta desse tema, examina vasta literatura do mundo romano sobre a escravidão, demonstrando ser impraticável, no pensamento antigo, a idéia de viver sem escravos.<sup>1</sup> Como Finley, Fitzgerald enfatiza a ambigüidade do escravo, ser humano e mercadoria, e de como este fato gerava conflitos. (DAVIS, 1968, p. 61; FINLEY, 1991, p. 67; FITZGERALD, 2000, p. 6-8). Afirma, ainda, que o encontro entre escravidão e literatura deve considerar a validade de se tomar escravidão como modelo ou metáfora para outras instituições (FITZGERALD, 2000, p. 11), o que o autor aprofunda no Capítulo 4: “The Continuum of (servile) relationships”. Outra idéia importante nesta obra, e que pretendo explorar neste artigo, é a da simbiose entre amo e escravo, o que pode aparecer na literatura como complementaridade – o escravo como parte do corpo do amo, ou suporte para a honra do amo – de uma maneira conflituosa, pois o amo não pode viver sem o escravo, posto que esta relação é de antagonismo (FITZGERALD, 2000, p. 13-23).

*Pensar a humanidade do escravo era filosoficamente problemático. (...) Viver com escravos era viver em contradição. (...) Este livro, então, não deseja formular aquelas atitudes, mas preferivelmente localizar os paradoxos e ambigüidades que fizeram esta complexa instituição um tema tão rico* (FITZGERALD, 2000, p. 6-8).

Sua hipótese é a de que Apuleio baseou-se nas fábulas gregas, especialmente as de Esopo, para escrever sobre a escravidão e, particularmente, sobre a resistência dos escravos, metaforicamente associados a animais de carga. As fábulas seriam um meio de falar livremente, de maneira alegórica, sobre a resistência e os sofrimentos dos escravos. Porém, Fitzgerald acentua que o ponto de vista dos que escreveram sobre escravos, inclusive Apuleio, é o da classe dominante romana, mesmo no caso daqueles provinidos de algum modo da escravidão (FITZGERALD, 2000, p. 99). Também são importantes as idéias de que a curiosidade e a entrega descontrolada ao prazer sexual são defeitos próprios de escravos, e que o herói de **O Asno de Ouro**, Lúcio, apresenta em alto grau.

Diferentemente deste autor, no entanto, minha hipótese apóia-se na idéia de que a trajetória do asno-Lúcio metaforiza a da vida dos escravos no mundo romano.<sup>2</sup> Outra diferença importante prende-se a uma discordância minha em relação à sua afirmação de que o asno-Lúcio tinha “*atitudes asininas*”, sendo desprovido de pensamento humano inteligente (FITZGERALD, 2000, p. 99-102). Pelo contrário, desde que se transformou em asno (APULEIO, II), Lúcio fica prisioneiro de um corpo feio e disforme, mas, tal como a do escravo, sua alma era livre, e ele mantém a inteligência e a compreensão humanas.

Neste artigo, analiso alguns aspectos da trajetória de Lúcio-asno para procurar compreender a experiência do que significava ser escravo no mundo antigo. Para dar conta da minha hipótese, em primeiro lugar traço alguns paralelos entre escravos e animais neste romance e, a seguir, escolho uma passagem em que o tema da similaridade entre escravos e animais é mais patente, a ponto de haver uma simbiose entre ambos: o leilão de escravos e animais (APULEIO. *O Asno de Ouro* 23-25).

### **O autor e a obra**

Lúcio Apuleio, africano de Madaura, é autor, juntamente com *Metamorfoses* ou *O Asno de Ouro*, de uma *Apologia*, obra em que se defende da acusação de seus enteados de querer se apropriar da herança da viúva com quem se casara. Na verdade, Apuleio demonstrava grande interesse – e conhecimento – pelas religiões orientais e pela magia, assim como pelas ciências naturais. Era muito erudito, escreveu obras filosóficas e poesias, e chegou a advogar em Roma num certo período.<sup>3</sup>

Este romance é sua obra maior e pode ter vários significados. Talvez represente a alma humana em busca de aperfeiçoamento e beleza, talvez signifique uma condenação à magia e uma apologia aos cultos orientais, especialmente o da deusa Ísis, recentemente entrado no mundo romano, onde era muito popular à época da vida de Apuleio. Trata-se de uma narrativa extensa, em 11 livros, que conta as peripécias de um grego, Lúcio, que vai à Tessália em busca de obter conhecimentos sobre magia e de aventuras. Hospedado na casa de um certo Milão, é advertido que a esposa de seu hospedeiro é uma maga de grandes poderes, mas persuade a escrava Fótis a ajudá-lo a transformar-se em coruja, como vira a dona da casa fazer após

passar um unguento no corpo; a escrava dá-lhe a caixa errada, e ei-lo transformado em burro, feitiço que só acabará quando ele comer rosas. Se a solução aparentemente é simples, na verdade Lúcio-asno, após a horrível metamorfose, passa por uma série de desventuras – muda de donos várias vezes, cai em mãos de bandidos, é muito maltratado, torna-se besta de carga de moinho, por duas vezes, cai em mãos dos sacerdotes de Cibele, torna-se um asno ensinado, treinado na etiqueta do triclínio, até encontrar sua redenção, no último livro, na busca da forma humana perdida, o que só ocorrerá quando ele encontrar o culto de Ísis e comer as rosas a ela dedicadas, sofrendo uma metamorfose inversa ao readquirir a forma humana e a cidadania perdidas. As diversas situações na vida de Lúcio, que o levaram a metamorfosear-se e sofrer diversos castigos próprios às bestas de carga e aos escravos, têm na base a seguinte premissa: a curiosidade e a luxúria, defeitos próprios a escravos, na ideologia escravista romana, causaram sua metamorfose, e a recuperação do autocontrole, a renúncia à luxúria e a entrega ao culto de Ísis trouxeram-lhe a redenção.

Trata-se de um *romance grego*<sup>4</sup> de aventuras com seus temas característicos de raptos, seqüestros por bandidos, exposição de crianças, sofrimentos infundáveis até o final feliz. É um romance de “*desenraizamento e restauração*” (FITZGERALD, 2000, p. 95-96), em que a castidade dos heróis e heroínas é permanentemente ameaçada e preservada, pois sua preservação garantirá a volta dos amantes, um aos braços do outro, e de Lúcio à forma humana. O amor não é o tema central, embora seja muito importante para duas histórias intercaladas, a de Caridade e Tiepólemo, e a de Psiquê e Eros, com um final infeliz, no primeiro caso, pois os amantes morrem tragicamente (embora tenham conseguido reencontrar-se e viver uma história de amor), e com final feliz, típico dos *romances gregos*, pois Eros e Psiquê, após muitos percalços, inclusive ameaça de escravização, são aceitos no Olimpo, onde permanecem juntos. É importante destacar, porém, que embora a história de Lúcio não seja uma história de amor, e sim de aventuras picarescas, há um traço de união entre a trajetória de Lúcio e as mencionadas histórias de Psiquê e Caridade e tal elo é a escravidão: nos três casos, a curiosidade foi o motivo da perda dos heróis, houve ameaça à castidade das heroínas e à de Lúcio, e muitos sofrimentos típicos da situação de escravidão. Quanto à ameaça à castidade, Lúcio realmente sucumbiu aos prazeres servis – sexo com escravas e com mulheres de baixa con-

dição social – e à curiosidade, o que lhe trouxe o castigo de tornar-se uma besta de carga. Quando resiste à entrega ao prazer com uma mulher indigna (APULEIO, X, 34-5), ele começa a ter a chance de recuperar a forma humana.

Este *romance grego*, porém, tem sua forma intercalada a outro gênero literário da Antiguidade, a fábula. Este gênero narra histórias acontecidas com animais e terminam com uma frase de cunho moral. Nelas, tanto nas fábulas de Fedro quanto nas de Esopo, as que têm como personagem um burro de carga afirmam a inferioridade deste animal, e mostram várias ocorrências de exploração, trabalhos pesados e constantes açoites, em tudo semelhantes à situação de escravos e à de Lúcio-asno. Talvez este gênero tenha sido criado por escravos libertos – Fedro e Esopo eram libertos – para falar livre, mas metaforicamente, do que era ser escravo (FITZGERALD, 2000, p. 99). No Prólogo de *O Asno de Ouro I*, 1, o autor diz que vai narrar várias fábulas em estilo milesiano, ou seja, picaresco, de humor pesado, cínico. O leitor verá seres humanos convertidos em outra coisa, despojados de sua humanidade, para depois recuperarem a forma humana. Sobre os escravos, porém, note-se que o ponto de vista dos letrados, inclusive o de Apuleio, mesmo se estes saíram da escravidão, é o dos senhores, o da classe dominante, pois há naturalidade em falar da exploração e dos castigos às formas de resistência das bestas de carga das fábulas.<sup>5</sup>

O tema que quero ressaltar é o da simbiose entre escravos e animais nesta narrativa e, para isto, examino em detalhe uma situação, a referente ao leilão de jumentos e escravos (VIII, 23-25). Mas antes narro algumas ocorrências em que é relevante a similaridade entre escravos e animais.

## **Escravos e animais em *O Asno de Ouro***

### **Duas metamorfoses**

Em primeiro lugar, concordando com Fitzgerald que este é um romance de perda e restauração, analiso a metamorfose de Lúcio em asno, ou seja, em escravo, e depois a metamorfose invertida, a recuperação da forma humana. É importante ressaltar que dois fatores causaram essa degradação – curiosidade e luxúria – e que o abandono desses defeitos, aliás, comumente atribuídos a escravos (GARNSEY, 1996, p. 23-53), possibilitaram-lhe recuperar sua humanidade e a cidadania.

Antes de analisar este trecho, é importante ressaltar o porquê da metamorfose de Lúcio em burro de carga. Ele se hospedou em casa de Milão, na cidade de Hipata, e tornou-se amante da escrava doméstica Fótis, dando-se aos prazeres do sexo com esta mulher. Outro fator determinante foi a sua curiosidade, pois sabedor de que Panfilia, ama de Fótis, era maga, observou-a quando passava unguento no corpo e, transformada em coruja, saiu voando. Por isso, pediu à escrava que roubasse a caixinha, para que ele mesmo se transformasse em pássaro. Fótis dá-lhe uma caixinha, garantindo-lhe que tudo estava certo; ele tirou todas as roupas, passou o unguento no corpo, abanou os braços querendo que se tornassem asas, mas não foi isso que ocorreu. O resultado foi desastroso: ele foi punido por ter tido atitudes servis, curiosidade e luxúria (FITZGERALD, 2000, p. 103-104).

*(...) Da penugem, nenhum sinal. Porém meus pêlos se espessaram em crinas, minha pele macia endureceu como couro, a extremidade de minhas mãos perdeu a divisão dos dedos, que se ajuntaram todos num casco único; da parte mais baixa de minha espinha, saiu uma longa cauda. Eis-me agora com uma cara monstruosa, uma boca que se alonga, ventas largas, lábios pendentes. Minhas orelhas cresceram desmedidamente e se eriçaram de pêlos. Miserável transformação, que me oferecia como consolo único, impedido que estava, de agora em diante, de ter Fótis entre os braços, o desenvolvimento de minhas vantagens naturais. (...) Não vi uma ave, mas um burro. (...) Não tendo, no entanto, de homem, nem a voz, nem o gesto (...)* (APULEIO III, 24-15).

Várias informações importantes estão nesse trecho. Em primeiro lugar, a aparência era signo, na Antiguidade, de situação social. A beleza era tida como signo de nobreza, a feiúra como marca de degradação, própria aos seres socialmente inferiores, especialmente escravos. A forma de burro, animal de carga, é uma indicação de escravidão: as orelhas grandes, por exemplo, significam a capacidade de ouvir dos escravos, sempre presentes como testemunhas mudas do cotidiano dos amos e isto é mostrado em numerosas passagens desta obra (APULEIO IX, 12-3).

Ainda sobre a aparência de Lúcio-asno, note-se o endurecimento da pele macia até tornar-se couro duro. Essa passagem indica, além da aparência grosseira, a adequação do asno para as desventuras por que vai passar:

exploração econômica, sucessivos castigos físicos, sendo os açoites e pauladas os mais comuns (APULEIO, III, 29; IV, 3; VI, 26; VII, 17-18; VII, 28; VIII, 30; IX, 11; IX, 13).<sup>6</sup>

Muito interessante também é a menção a sexo e perda de autocontrole. Lúcio-asno relata “*o desenvolvimento de minhas vantagens naturais*”, em outras palavras, seus órgãos sexuais tomaram as proporções próprias aos jumentos, mas isto não servia de consolo, pois não podia ter Fótis entre os braços. A luxúria como defeito dos escravos é comum no pensamento do mundo clássico, e surge em várias passagens desta obra (APULEIO VII, 14-5; VII, 20-1; VII, 23; VIII, 22). Nesses trechos, vemos: Lúcio-asno ganha o papel de besta reprodutora, o que muito lhe agradou; o defeito da luxúria atribuído aos escravos, no discurso do escravo que tem poder sobre Lúcio – nestes dois casos, por sinal, o castigo recebido foi grande, ele cai de novo na escravidão, vendido ao dono de um moinho, e quase foi morto a pauladas por camponeses –; sobre a ligação entre escravidão e luxúria em Apuleio, em VIII, 22, vê-se um escravo doméstico de confiança que sofre pena de morte por ter se tornado adúltero.

Outra passagem interessantíssima quanto à luxúria como defeito de escravos é a existente em X,19-22, em que Lúcio-asno é requisitado por uma mulher despudorada – despia-se completamente para o sexo, ao ponto de deixar até os seios nus, o que não era bem visto no mundo romano –, sendo alugado por seus novos donos para tal e conseguindo, de fato, ter intercurso sexual com esta mulher. Havia regras para o sexo no mundo romano: ter relações à tarde, por exemplo, era malvisto; uma mulher desnudar os seios também era sinal de libertinagem, sexo desenfreado (VEYNE, 1990; ROUSSELLE, 1990, p. 373-374). Finalmente, o fato de Lúcio-asno ter tido relações com essa mulher acarretou-lhe uma situação potencialmente explosiva e perigosa: a mudança de dono e condenação a ter relações sexuais no teatro com uma mulher *infame*, condenada por adultério e outros crimes, o que não cabe agora aprofundar.

Resumindo, essa metamorfose trouxe-lhe a perda da condição humana, da liberdade e da cidadania, acompanhada de uma degradação física, uma série de desgraças próprias da escravidão e dos animais, como ser açoitado rotineiramente, trabalhar até extenuar-se, mudanças constantes de donos, ser torturado.

A recuperação de sua forma humana, quando comeu rosas do culto de Ísis, no livro XI, mostra uma metamorfose contrária, pois, ao voltar a ser homem, Lúcio tem de volta suas prerrogativas de ser livre e cidadão: ter família, amigos, escravos.

*(...) Ela não mentira, a celeste promessa: minha deformada aparência de besta se desfez imediatamente. Primeiro, foi-se o pêlo esquálido; depois o couro espesso se amaciou e o ventre obeso abaixou; na planta dos meus pés, os cascos deixaram emergir os dedos; minhas mãos não eram mais patas, e se prestavam às funções de membro superior; meu longo pescoço chegou aos seus justos limites; meu rosto e minha cabeça se arredondaram; minhas orelhas enormes voltaram a sua pequenez primeira; meus dentes, semelhantes a tijolos, reduziram-se às proporções humanas; e a cauda, sobretudo, que me cruciava, desapareceu! (XI, 13) (...) Quanto a mim, (...) Não sabia o que dizer (...) nem por onde começar. (...) com a voz que me era devolvida. Com que palavras de feliz augúrio saudar em mim o renascimento da linguagem. O sacerdote [de Ísis] (...) com um sinal de cabeça ordenou que me dessem uma veste de linho com que eu me cobrisse, pois despojado do nefasto envoltório do asno, eu tinha apartado as coxas, fortemente, tapando conforme podia com as mãos, para me proteger decentemente (...)* (APULEIO XI, 14).

Observe-se que a perda do envoltório de asno e a volta à forma humana trouxe-lhe todas as qualidades próprias do ser humano pleno, livre e cidadão: a obtenção da linguagem, do belo aspecto, do pudor e da honra, pois alguém que acompanhava a procissão deu-lhe uma túnica de linho para vestir-se. Em consequência, ele recuperou família e escravidão, e a fonte mostra mais uma metáfora para escravidão, desta vez atribuindo o significado de morte para escravidão: “*Imediatamente, os meus amigos, os meus escravos, e todos que tinham comigo laços de sangue deixaram o luto tomado à falsa notícia de minha morte (...) para ver com os próprios olhos minha volta do inferno para a luz do dia*” (APULEIO XI,18).

## Lúcio e sua montaria

No livro I, vemos Lúcio, cidadão grego de Hipata, chegar à Tessália acompanhado de um escravo e de seu cavalo. A este ele dispensa cuidados e atenções:

*(...) fui, pois, para a Tessália a negócios. Tinha transportado escarpados montes, úmidos vales (...) e o cavalo indígena, um cavalo todo branco que me levava, já estava fatigado. Fatigado também estava eu próprio de estar sentado, e quis caminhar um pouco (...) para desentorpecer. Pulei para o chão, enxuguei com folhas de árvores o suor do cavalo, esfreguei-lhe a cara cuidadosamente, passei-lhe a mão pelas orelhas, retirei-lhe a brida e o conduzi tranqüilamente a passo, para lhe dar tempo de dissipar a lassidão (...) (APULEIO I, 2).*

Portanto, nesta passagem vê-se Lúcio dispensando, ao seu cavalo branco, cuidados que encontram paralelo em outra passagem da obra em que Lúcio-asno foi vendido para os sacerdotes de Cíbele e entregue ao escravo tocador de flauta que igualmente lhe dispensa atenções e cuidados, numa passagem altamente simbiótica entre escravo e animal.

*(...) amarraram-me junto a um cocho. Havia lá um moço de forte corpulência, hábil tocador de flauta coral, que tinha obtido por baixo preço num leilão de escravos. Nas saídas, quando passeavam em procissão com a deusa, ele tomava parte no cortejo e tocava o instrumento. Na casa, associava-se às necessidades correntes, na qualidade de concubino comanditário. Logo que me viu na estrebaria, serviu-me, sem se fazer de rogado, uma larga ração de alimento, apostrofando-me alegremente: 'Eis-te aqui, enfim, para me substituir neste trabalho desgraçado. Mas que vivas muito, e que consigas agradar teus donos, e traráis alívio a meus rins fatigados' (APULEIO, VIII, 26).*

Há uma similaridade de tratamento dispensado pelo amo ou responsável ao animal de montaria. Os cuidados com que Lúcio trata seu cavalo no início da obra antecipam, de certo modo, as agruras que ele sofrerá como besta de carga ao longo do percurso narrado no romance. Por outro lado, o escravo tocador de flauta fazia tarefa de besta de carga, pois era ele que, antes da aquisição de Lúcio, carregava o andor da deusa síria. Há uma

comparação e mesmo similaridade de funções entre escravo e animal que toca à exploração, à realização de tarefas pesadas. Por isso, o escravo trata quase amorosamente Lúcio-asno, para que ele o substitua “*neste trabalho desgraçado*” e para isso deve estar bem alimentado, para que “*vivas muito e dê alívio aos meus rins fatigados*”.

Ainda sobre a montaria de Lúcio e a metáfora da escravidão, há a passagem em que ele, já metamorfoseado em burro, vai juntar-se aos animais na estrebaria e é escorraçado por seu cavalo e outro jumento (APULEIO III, 26). Passo agora a mostrar a similaridade entre animais e escravos, tomando como exemplo este texto.

*(...) Eu, entretanto, se bem que de asno acabado e de Lúcio transformado em besta de carga, conservara uma inteligência humana. (...) Baixando então a cabeça, bolouçante eu remoía à parte minha humilhação momentânea, e acomodando-me à dura situação, fui para a estrebaria, para junto de cavalo, minha fiel montaria.. Encontrei ali instalado (...) outro burro que pertencia a Milão que (...) ainda era meu hospedeiro. Pensava eu que existia, entre os animais privados da palavra, um liame tácito e natural de solidariedade. Esse cavalo pois me reconheceria, (...) me acolheria, portanto, como hóspede, e me trataria com a hospitalidade que o senado oferece aos hóspedes estrangeiros. (...) Estando ambos próximos [o cavalo e o burro], cabeça contra cabeça, minha digna montaria e o burro se combinaram logo para me perder e, temendo, sem dúvida por sua pitaça, mal me viam aproximar-me da manjedoura, (...) cheios de fúria, perseguiram-me a patadas. Fui assim para bem longe da cevada que, na véspera, à noite, eu tinha levado com as minhas mãos para aquele gratíssimo fâmulos (APULEIO III, 26).*

Esse trecho indica várias situações próprias da escravidão. Em primeiro lugar, veja-se a situação de um ser humano transformado em besta de carga, ou seja, em escravo, como humilhação. Isso se dava tanto pela aparência do burro, com suas enormes orelhas, boca de enormes beiços, quanto pela degradação social, ter de ocupar um lugar junto aos animais domésticos, assemelhar-se a estes.

Em segundo lugar, há uma menção à desunião entre os animais, substituindo nesta metáfora os escravos, incapazes, segundo vários letrados do

mundo antigo, de se aliarem contra os amos, pois a ideologia dos escravos e subalternos da Antiguidade era atingida pela atuação, discursiva e prática, dos senhores que evitavam tal união comprando escravos de variadas origens étnicas (GRAMSCI, 1970, p. 364; TÁCITO. *Anais* XV, 45 ).

O vocabulário e as expressões empregadas por Apuleio<sup>7</sup> também comprovam essa metáfora de animais como escravos, pois ele chama o seu cavalo ironicamente de “*gratíssimo fâmulos*”. Lembremo-nos também do fato de que, além de criados e animais domésticos compartilharem os mesmos espaços, a comida era semelhante, pois cevada era alimento para bestas de carga e para escravos. Como esta narrativa é feita em primeira pessoa, e seu autor é o próprio Lúcio, esta simbiose entre o seu destino e o de sua montaria, mostrados ambos como escravos, é assim exposta por ele: *Mas para que me queixar por mais tempo da estupidez da Fortuna, quando ela vergonhosamente fez de mim o companheiro de escravidão e de jugo do meu cavalo, meu fâmulos e minha montaria?* (APULEIO VII,3)

### **Simbiose entre escravos e animais: dois sonhos**

Finalmente, observe-se uma correlação entre dois sonhos. O primeiro a ser mencionado, com a respectiva interpretação, é o de Caridade, a moça seqüestrada pelos bandidos proprietários de Lúcio-asno, que sonhou com desgraças, tendo a velha que era sua carcereira lhe dito que isto poderia indicar coisas boas e, ao contrário, “*rir, encher a pança de quitutes e de doces, ou saborear o prazer do amor, significa que a tristeza, a doença, e mil outras desgraças estão para vir*” (APULEIO IV, 27) a servidão seria uma dessas desgraças. E o do Livro XI, 20, em que Lúcio, já convertido à forma humana, sonha com uma devolução de escravo perdido de nome Cândido, e a respectiva interpretação.

*Uma noite vi em sonho o sumo sacerdote que apresentava, cheio de alguma coisa, o pano de suas vestes. Perguntei-lhe o que era aquilo, respondeu-me que eram remessas para mim vindas da Tessália, e que chegara, daquele país, um meu servidor chamado Cândido. (...) tinha certeza de não ter jamais possuído servo algum com tal nome.(...) quando (...) ressoou, anunciando a primeira hora do dia. (...) Nesse momento, chegaram, vindo de Hipata, os servidores que*

*eu deixara lá, no tempo em que fui logrado com o funesto engano de Fótis. Tinham, como imaginais, ouvido contar minha história, e até me traziam o cavalo que sabeis. Passara ele de um para outro dono, mas, reconhecido pela marca num dos flancos, tinham-se apossado dele. E eu não cansava de admirar-me do feliz acorde entre a realidade e o sonho, que não somente anunciaria um proveito, como fizera alusão, na pessoa de um servidor chamado Cândido, à cor do cavalo que me seria entregue (APULEIO XI, 20).*

Aqui fica claríssima a ligação que unia, no pensamento clássico, escravos e animais numa relação de identidade, mesmo. Neste caso, o sonho com a devolução do “escravo Cândido” significava, na verdade, a recuperação do cavalo branco que estava com ele quando os bandidos assaltaram a casa de Milão, em sentido denotativo, mas, em sentido conotativo, poderia indicar que ele entrava na posse de seus bens; o direito de propriedade era apanágio dos livres e cidadãos no mundo romano. O cavalo estava em uma relação de identidade com Lúcio-asno porque partilharam um mesmo duro fardo, trocar de donos várias vezes, ocorrência explicitamente narrada neste texto: ser surrado, comer ração de feno, enfim, realizar tarefas comuns às bestas de carga.

A este respeito ainda, não são somente as fábulas que, como gênero, falam de animais como metáfora para escravos, para substituir o tema da escravidão; outra fonte literária, a **Onírica**, de Artemidoro, também porta essa metáfora. Para este autor, dedicado à interpretação dos sonhos, sonhar com bestas de carga significava sonhar com escravos, escravidão e miséria (ARTEMIDORO. **Onírica** 1.24; 4.52; 1.36).

## **O leilão de escravos e a metáfora da escravidão**

Mudanças de donos, ocorrências comuns.

A venda de escravos em leilão era um dos fatos corriqueiros, mas dos mais dolorosos, na vida de escravos na Antiguidade. A exposição de seres humanos nus, tratados como mercadoria, trazia obrigatoriamente uma série de violências e abusos. A posição dos escravos como propriedade e, em decorrência, mercadoria é que determinava o duro tratamento de escravos (FINLEY, 1990, p. 177-190; BRADLEY, 1987, p. 113).

Há várias menções à venda de escravos e animais nesta obra e, mais uma vez, pode-se constatar a junção destes seres num nível infra-humano. No Livro IX, capítulo 31, lê-se que uma mulher que perdera o pai vendeu a herança da qual faziam parte escravos e animais, todos tratados como mercadoria: “*vendeu tudo que fazia parte da herança, escravos, móveis, animais. Foi assim que todo o patrimônio foi dispersado, aqui e ali, (...) numa venda cheia de imprevistos. Fui comprado por um pobre jardineiro (...)*”. Não foi a única vez que Lúcio-asno foi vendido, há outra menção, desta vez num leilão de escravos (IX, 10). O asno mudou inúmeras vezes de dono, por variados motivos, todos violentos: ele pertenceu sucessivamente a bandidos que assaltaram a casa de Milão, III, 28; aos pais de Caridade, e destes passou para um tratador de cavalos, VII, 14; para o duro trabalho no moinho, VII, 15-21; para os sacerdotes da deusa síria, em leilão – o que examino em detalhe, *infra* – VIII, 25; venda para um moleiro em leilão, IX, 10; venda para um hortelão e deste para um soldado, X, 1; dois escravos o compram, X, 13; os escravos o vendem para seu próprio dono, X, 17; ele finalmente foge até voltar a ser o cidadão Lúcio, no livro XI.

### **Leilão de escravos: abusos e violências dos traficantes**

Após ter sido vendido pela filha do moleiro, Lúcio-asno foi ter a uma rica cidade, onde foi leiloado, juntamente com outros animais. Seus novos donos foram os sacerdotes de Cibele. Esta passagem – VIII, 23-25 – é muito significativa para confirmar os pressupostos deste artigo: mostra a junção de tratamento e destino de escravos e animais; os abusos cometidos pelos traficantes de escravos e suas estratégias de venda de mercadoria; os abusos sexuais no momento do leilão; a resistência do escravo.

*(...) Depois de terem, durante três dias, deixado os animais se refazerem e alisarem o pêlo, para adquirirem melhor aparência, conduziram-nos ao mercado. A voz forte do pregoeiro público anunciava um por um os preços. Os cavalos e outros burros encontravam ricos compradores. Só eu, preterido, via a maioria das pessoas passar adiante desdenhosamente. Começava a me aborrecer das apalpadelas daqueles que, de acordo com meus dentes, me calculavam a idade. Como um deles, com mão suja e fedorenta, começasse a me tatear as gengivas com seus dedos repugnantes,*

*apanhei-lhe a mão entre os queixos e a apertei fortemente. Isto tirou toda a vontade, àqueles que nos cercavam, de comprar um burro assim feroz. (VIII, 23)*

Lúcio narra sua experiência de ser vendido em leilão como burro de carga. A suprema violência que se cometia contra escravos era tratá-los como propriedades, mercadorias. Daí os abusos na hora do leilão, como a verificação da saúde pelo estado da arcada dentária (BRADLEY, 1987, p. 113), fato sucedido com escravos, não somente, nem principalmente com animais. As apalpadelas no corpo dos escravos e demais abusos físicos também constam nesta fonte. Por se tratar de um homem livre, caído em escravidão recentemente – se minhas hipóteses sobre a metáfora que expressa a simbiose entre escravos e animais e sobre o fato de Lúcio ser transformado em asno significar cair em escravidão estiverem certas –, a inconformidade com este tratamento poderia se dar em reações que são atos de resistência possíveis de serem expressos por escravos, como morder a mão que o apalpava, fingir ser violento, para tentar manobrar a situação e evitar um comprador indesejado, usar a astúcia.

O pregoeiro, então, faz um discurso em que, a propósito dos defeitos do burro, desfia um rosário de defeitos atribuídos aos escravos:

*(...) Até quando ficará exposto à venda este velhaco? Velho, de casco gasto, já nem podendo andar, deformado pelas dores, feroz, preguiçoso, estúpido, eis o que é: uma peneira de coar entulho. Bem que faríamos presente dele, se alguém tivesse vontade de perder seu feno. (VIII, 23)*

O pregoeiro enumera os defeitos do asno-escravo porque a lei, no mundo romano, obrigava os vendedores a anunciarem os defeitos dos escravos aos possíveis compradores (CARDOSO, 1984, p. 128-130; BRADLEY, 1996, p. 31-53).

No entanto, apesar disso, aparece um comprador, Filebo, sacerdote da deusa Síria. Lúcio-asno lamenta mais uma vez a perseguição da Fortuna, por ter lhe posto no caminho justamente este comprador, e o motivo era o atentado à castidade que tal dono representava: “*um velho devasso, completamente calvo; uma dessas figuras saída do mistério desses cruzamentos populares, que, (...) de cidade em cidade, (...) vão levando a deusa*

síria.” (VIII, 24). O atentado à castidade era preocupante porque, como já comentei, foi por não preservá-la que caiu nesta situação degradada.<sup>8</sup> A simbiose entre escravos e animais neste episódio do leilão fica ainda mais clara neste trecho:

*[O sacerdote de Cibele pergunta sobre a origem do burro] ‘Da Capadócia’, foi a resposta, ‘e é muito forte, asseguro’. Ele quis saber a minha idade. ‘Um astrólogo que estabeleceu quais eram as suas estrelas, calculou que ele andava pelos cinco anos.(...) se bem eu me exponha, e não o ignoro, os rigores da Lei Cornélia, se vender como escravo um cidadão romano, não hesites em comprá-lo. É um bom e honesto escravo que pode te prestar serviços tanto em casa quanto fora’.*

Vemos que a venda se dava dentro dos limites da lei, a lei Cornélia, que regulamentava as vendas de escravos e obrigava o vendedor a declarar os defeitos de suas mercadorias humanas, é expressamente citada. Os escravos da Capadócia eram tidos como muito fortes e apropriados para carregar liteiras, cargas pesadas, pois o burro estava sendo comprado para carregar o andor da deusa Síria (BRADLEY, 1996, p. 57-80.). A ironia do vendedor, mentiroso como era considerado todo o vendedor de escravos no mundo romano (PLAUTO. *Os Cativos* I e II; FINLEY, 1990, p. 177-190.), aparece no fato de afirmar ter um simples burro sua idade apontada por um astrólogo, ocorrência adequada apenas aos seres humanos, e de chamá-lo de “*bom e honesto escravo*”, pois logo antes, como mostrado, ele afirmara que o burro para nada servia, era preguiçoso e feroz, os piores defeitos de escravos, mudando o tom e o teor de seu discurso, assim que percebeu o interesse do comprador.

A questão do poder do amo sobre esta “*peculiar mercadoria*” (FINLEY, 1990, p. 181), assim como a da resistência do escravo, aqui em metáfora de Lúcio-asno, é afirmada neste trecho a seguir, logo após o comprador perguntar sobre a mansidão do burro:

*(...) ‘é um carneiro, o que vês, não um burro. Ele se presta sabiamente a todas as necessidades. Não morde, nem mesmo escoiceia. Se queres, verificá-lo não é difícil. Introduze-te entre suas coxas, como um hermafrodita; verás por ti como demonstrará enorme paciência.*  
(VIII, 25)

Os abusos sexuais ocorriam rotineiramente, mas o momento do leilão é emblemático de todas as situações de violência que os escravos podiam sofrer. A perda da honra acompanhava a queda em escravidão de um homem livre, pois o escravo era um ser desprovido de honra. Por outro lado, a paciência, a necessidade de ter de suportar todo o tipo de constrangimento eram traços do ser escravo (SÊNECA. *Carta* 47). A astúcia como forma de resistência também é mencionada no episódio do leilão, porque o sacerdote de Cibele admoesta o traficante para que este não lhe venda um burro bravo, capaz de derrubar o andor da deusa sória, e esta é a reação do burro:

*(...) Eu, ouvindo este sermão, planejava sair na disparada, de súbito, como um louco, a fim de que, vendo-me presa de um ataque de ferocidade exasperada, ele renunciasse à compra. Mas o velho, ansioso para concluir o negócio, antecipou-se ao meu projeto e imediatamente despejou a soma de dezessete denários, que o meu dono feliz (...) aceitou sem dificuldade. (VIII, 25)*

A astúcia era uma arma empregada para o escravo tentar negociar sua venda, afastar um comprador indesejável, fatos comuns na escravidão nas Américas.<sup>9</sup> É instigante imaginar que tais fatos pudessem ocorrer também na escravidão antiga. A leitura de **O Asno de Ouro** nos abre esta perspectiva.

## Conclusão

Essa obra, misto de *romance grego* – no qual o picaresco ocupa um lugar central – com fábulas, oferece uma oportunidade preciosa para vislumbrarmos a vida cotidiana das pessoas simples no mundo romano. As inúmeras citações sobre escravos e suas desventuras, o mesmo em relação aos animais, que sofriam maltratos e abusos, bem como a narrativa do percurso acidentado do cidadão Lúcio transformado em asno e por isso igualmente açoitado e explorado de todas as formas, até recuperar a forma humana e a cidadania, tudo isso reforça a minha idéia de que a queda em escravidão como metáfora para a degradação física, social e moral de um cidadão é o tema central desse livro.

A queda em escravidão e a sua conseqüente degradação física e moral podem ser metáforas, por sua vez, para os acidentes da vida de Lúcio Apuleio, o próprio autor do livro, cujo envolvimento com magia só lhe

trouxe dissabores, ao passo que a devoção ao culto de Ísis dispensou-lhe liberdade e honrarias, uma restauração. O emprego da metáfora da escravidão, por sua vez, é mais do que um recurso estilístico; neste caso, ela ocupa o núcleo do pensamento do autor expresso nesta obra tão original.

### **Documentação escrita**

APULÉE. **Métamorphoses**. Trad. P. Vallette. Paris: Les Belles Lettres, 1958. (Collection des Universités de France)

APULEIO. **O Asno de Ouro**. Trad. Ruth Guimarães, Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

### **Bibliografia**

ALFOLDY, G. **História Social de Roma**. Lisboa, Ed. Presença, 1989.

ANNEQUIN, J. *et alii*. **Formas de exploração do trabalho e relações sociais na Antiguidade Clássica**. Lisboa: Estampa, 1978.

ANNEQUIN, J. *Lucius-asinus, Psyché-ancilla*. Paris: PUF, 1998. (Dialogues de Histoire Ancienne 24/1)

AVELEZA, M. **As fábulas de Esopo**. ed. bilíngüe. Rio de Janeiro: Thex Ed, 1999.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. O contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC, 1987.

BRADLEY, K. **Slaves and masters in the Roman Empire**. A Study of Social Control. Oxford: Oxford University Press, 1987.

BRADLEY, K. **Slavery and society at Rome**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

CARDOSO, C. F. **Trabalho compulsório na Antiguidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

CARDOSO, C. F. **Narrativa, sentido, História**. Campinas: Papirus, 1996.

CHALHOUB, S. **Visões da liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

DAVIS, B. D. **El Problema de la Esclavitud en la Cultura Occidental**. Buenos Aires: Paidós, 1968.

- FANTHAM, E. **Roman literary culture**. From *Cicero to Apuleius*. London –Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1996.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1972.
- FINLEY, M. I. *Aulo Capreilio Timoteo*, negociante de escravos. In: **Aspectos da Antiguidade**. Lisboa: Ed. 70, 1990.
- FINLEY, M. I. **Escravidão antiga e ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1991.
- FITZGERALD, W. **Slavery and the Roman Literary Imagination**. London: Cambridge University Press, 2000. (Roman Literature and its Contexts)
- GARNSEY, P. **Ideas of slavery from Aristotle to Augustine**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- GIARDINA, A. (Org.). **O Homem Romano**. Lisboa: Ed. Presença, 1992.
- HARVEY, P. **Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- HOPKINS, K. **Conquerors and slaves**. Sociological studies in Roman History. London: Cambridge University Press, 1978.
- HOPKINS, K. Novel evidence for Roman Slavery. **P&P. A Journal of Historical Studies**. n. 138, Feb. 1993. Published by Past and Present Society. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- JOLY, F. D. **Tácito e a metáfora da escravidão**. Um estudo de cultura política Romana. São Paulo: EDUSP, 2004.
- KOOGAN/HOUAISS. **Enciclopédia e dicionário ilustrado**. Rio de Janeiro: Delta, 1997.
- ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 18. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976.
- ROUSSELLE, A. A política dos corpos. In: SCHMITT PANTEL, P. **História das mulheres: A Antiguidade**. Porto / São Paulo: Afrontamento / EBRADIL, 1990, p. 351-407.
- SCHIMIDT, J. **Vie et mort des esclaves dans la Rome Antique**. Paris: Albin Michel, 1973.
- TOZZY, G. **Economista griegos y romanos**. México: Fondo de Cultura Económica, 1968.

<sup>1</sup> Fitzgerald (2000): “Cada capítulo mostra a experiência real ou imaginária de viver com escravos.” No Capítulo 1, o autor aborda o escravo como um outro ser; no 2, enfoca o escravo como ser para ser punido e para ter liberdade, ou melhor, licença, para cometer erros; no 3, mostra o escravo simultaneamente como substituto do amo e como mediador entre livres; 4, o escravo aparece como metáfora para outras relações sociais; no 5, finalmente, examina escravidão e metamorfose, discute escravização e manumissão visando discutir mobilidade social através de imagens de metamorfose e hibridismo, página 8 e seguintes.

<sup>2</sup> Este artigo prende-se ao meu atual projeto de pesquisa “Visões sobre os escravos e os Animais no Mundo Romano Presentes em Metamorfoses de Apuleio. Abordagem Semiótica de uma fonte literária”. Minha pesquisa aborda todas as ocorrências sobre escravos e sobre animais, procurando observar a visão de animais tratados como escravos e escravos tratados como animais.

<sup>3</sup> Não há espaço aqui para discutir se há traços autobiográficos em **O Asno de Ouro**. Fica, porém, consignado que, no Livro 11, Lúcio, que foi apresentado desde o início como um grego de Hipata, aparece como cidadão romano, nascido em Madaura e advogando em Roma, traços pertencentes à biografia do próprio Apuleio. É interessante indagar-se se este livro não seria uma releitura do processo que sofreu, uma defesa metafórica de seus envolvimento com magia e os desastres que lhe sobrevieram por este motivo.

<sup>4</sup> Permito-me não caracterizar o romance grego nesta oportunidade, pois há um belíssimo artigo, neste mesmo número, de Ciro F. Cardoso, “O amor nos romances gregos da época romana”, com definições, abundantes exemplos e citações bibliográficas sobre o assunto.

<sup>5</sup> Cf. algumas fábulas de Esopo que apresentam em sua moral um ponto de vista conservador e nada identificado aos subalternos: O jumento e o cãozinho; O jumento e o jardineiro; O jumento fingindo coxear e o lobo; O jumento que julgava feliz o cavalo, p. 161-77. In: Aveleza, 1999. A moral de O jumento e o jardineiro é a seguinte: “Esta fábula mostra que muitos escravos têm saudades dos primeiros donos, principalmente depois que experimentam os posteriores”, p. 165.

<sup>6</sup> Sobre o couro de Lúcio-asno, ver em Fitzgerald, *op.cit.*, p. 100, a análise do vocabulário sobre a troca da pele por couro= *corium*, e o significado de ser fustigado, apanhar que a palavra *corium* indica: *corium petere* = procurar o couro, ou seja, procurar o escravo para açoitá-lo; de *coro suo ludere* = arriscar sua pele (**Asno de Ouro**, VII, 11).

<sup>7</sup> Nesta passagem e em outras, há uma menção ao rebaixamento próprio do que Bakhtin analisou em sua obra sobre Rabelais, pois a recepção de Lúcio-asno pelo seu cavalo aqui é chamada, por uma metáfora que induz ao riso, de acolhida que os

senadores dão aos embaixadores. Em outras passagens, há menções ao baixo corporal, igualmente analisada por Bakhtin (1987).

<sup>8</sup> No capítulo 26, vemos uma passagem em que, uma vez comprado, Lúcio chega à casa dos sacerdotes da deusa Síria e é tido como marido do seu novo dono pelos demais invertidos da casa: “Meninas, eis aqui o gentil criado que trouxe do mercado! (...) Mas (..) quando viram (..) um burro por um homem [disseram] Não, não era um servo, mas um marido para ele (...). ‘Um franguinho tão bonito, não o comas sozinho. Partilha-o algumas vezes conosco, que somos as tuas pombinhas.’” É interessante notar, de novo, a comparação, mesmo a metáfora, entre escravo e Lúcio-asno.

<sup>9</sup> Ver, por exemplo, Chalhoub (1992).